

II SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO DE CERES E VALE DE SÃO PATRÍCIO
04 a 07 de Novembro de 2014 - UEG Campus Ceres - GO
(SAÚDE)

A PERCEPÇÃO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA COM CÂNCER SOBRE O CUIDADO

¹Marcela Dias Albarnaz; ²Celeste dos Santos Pereira

¹Enfermagem; Universidade Federal de Goiás-Campus Goiânia, Pós Graduada malbarnaz@gmail.com; ²Docente da Universidade Federal de Pelotas/ RS, Doutoranda do PPG Enf/UFPel.

RESUMO

Introdução: As alterações na vida da criança com câncer são sentidas desde o início do tratamento. Quando há necessidade de hospitalização, um dos elementos fundamentais é estabelecer um relacionamento de segurança, tranquilidade e empatia com a equipe multidisciplinar. Desta forma, os efeitos nocivos causados pelo ambiente podem ser minimizados. O cuidado com a criança hospitalizada deve ultrapassar o físico, patológicos e terapêuticos. De todos os profissionais da saúde envolvidos na assistência, o enfermeiro tem papel destacado no cuidado. O conhecimento prévio da situação enfrentada e vivenciada pela criança levará a reconhecer o seu comportamento, facilitando o estabelecimento da comunicação, o que influirá absolutamente na excelência dos cuidados prestados. **Objetivo:** Conhecer a percepção da criança hospitalizada com câncer sobre o Cuidado. **Método:** Caracteriza-se como um estudo qualitativo (descritivo e exploratório), realizado em uma unidade pediátrica de um Hospital Universitário no Rio Grande do Sul, com crianças de 6 a 12 anos através de entrevista semi-estruturada e desenhos com o tema pré-definido. **Resultados e Discussão:** Para que haja compreensão das expressões das crianças hospitalizadas, percebe-se que é necessário haver um relacionamento sensível e em sintonia com os seus sentimentos, pois elas têm a capacidade de envolver-se e perceber o quanto o enfermeiro está disponível para elas no momento. A criança tem necessidade que este profissional ofereça, além do procedimento, um acolhimento, consolo e conforto. Outra necessidade apontada nas entrevistas é a inclusão dos pais, seus reais e primeiros cuidadores, no cuidado terapêutico. Estas crianças normalmente passam muito tempo hospitalizadas e os cuidados que são feitos em casa passam a ser feito por algum estranho. É determinante, em relação ao vínculo, que consigamos incluir os pais na rotina hospitalar. Outra questão observada é a necessidade da criança ser um agente atuante em seu cuidado. Muitas vezes elas passam mais tempo no hospital do que na própria casa e tem entendimento do que acontece em sua volta, observado na seguinte fala:

A minha mãe diz cuidado pra mim quando eu vou fazer alguma coisa perigosa...Tem vez que nem tem perigo, tipo brincar na rua com os piá... mas tem vez que tem perigo.. hum, tipo abrir a panela na hora da janta... porque é quente, né! Eu acho que as enfermeira cuidam da gente porque a gente tá em perigo né? [pausa] Eu sei que o que tenho é mais perigoso do que abrir a panela...[risos] (C1)

A criança é considerada sujeito ativo do processo, onde é capaz de compreender o que se passa consigo e de elaborar um discurso coerente sobre sua doença, seu tratamento e seu sofrimento. **Conclusões:** As crianças entrevistadas, demonstraram compreender a doença e suas observações negativas estão ligadas a procedimentos que causam dor e desconforto. Quanto à percepção acerca do seu contato com hospitalização, concluímos que a criança aceita este ambiente, pois sabe da necessidade de realizar o tratamento, mesmo que contrariada, pois depende destes procedimentos para poder voltar para casa. Também podemos concluir que as crianças concordam de maneira mais fácil e sentem-se mais tranquilas quando o profissional da enfermagem explica o que será realizado. Portanto, sugerimos, que o tratamento com crianças e suas particularidades seja algo trabalhado desde o processo acadêmico até a vida profissional, em constante qualificação.

Palavras Chave: Pediatria; Cuidado; Enfermagem.